

OS CÍNICOS

RUBEM BRAGA

MAS, francamente! Aquella história que eu comecei a contar ontem está tão caçote que desejo propor uma coisa ao leitor: não falemos mais naquilo.

Lendo-a hoje pela manhã, senti que não tinha conserto; se continuasse acabaria dando alguma coisa assim como um romance do sr. Adonias Filho, ou pior. Deu-me um tal abatimento moral que minha vontade seria passar muitos dias sem escrever; não é apenas por necessidade mas também por castigo que hoje me coloco, de mão trêmula e cabeça baixa, diante desta máquina maldita.

A continuação da história era horrenda; o vendedor me apresentava um aspirador de pó... não, não falemos mais nisso.

Tenho uma idéia. Estou lendo um livro novo — "A Cidade Sitiada", de Clarice Lispector. Ainda estou na página 13. Agirei como o bêbado insensato que comete um estrupício e no dia seguinte manda flôres com peddros de desculpas.

Aí vão, leitor, com as expressões de meu amargo remorso, algumas flôres do jardim de Clarice.

"Coroadada de papelão uma menina insone sacudia os cachos — era sábado de noite. Sob o chapéu, o rosto iluminado de Lucrecia ora se tornava delicado, ora monstruoso. Ela espiava. A cara tinha uma atenção doce, sem malícia, os olhos escuros espiando as mutações do fogo, o chapéu com a flor".

Mais adiante: "Em momentos a música do coreto era trazida pelo ar — a retreta proliferava sob as luzes amarelas... um rato gordo se dourava sob o poste... um papel estremeceu no chão... Tocou a campainha longamente. A estridência inesperada do som atravessava o espaço escuro. A moça parecia ter tocado a campainha de outra cidade".

Mais adiante, sempre saltando trechos: "Mesmo os crepúsculos eram agora esfumaçados e sanguinolentos... de manhã as cestas de peixe se espalhavam pela calçada... dos sobrados desciam mulheres despenheadas com panelas, os peixes eram pesados quase na mão, enquanto vendedores em manga de camisa gritavam os pregos. E quando sobre o alegre movimento da manhã soprava o vento fresco e perturbador, dir-se-ia que a população inteira se preparava para um embarque... Misturando-se à poeira metálica das fábricas, o cheiro das vacas nutria o entardecer... As noites cheiravam a estrume e eram frescas. As vezes chovia".

E em outra página, este quadro: "Mas de repente, no silêncio do dol, uma parêlha de cavalos desembocou de uma esquina. Por um momento imobilizou-se de patas erguidas. Fulgurando nas bocas".

Na página 13: "O subúrbio estava agora insignificante e minucioso: iniciara-se a tarde. Onde havia água, a brisa a frisava... Nesse mesmo dia, quando o sol ia se pôr, o ouro se espalhou pelas nuvens e pelas pedras. Os rostos dos habitantes ficaram dourados como armaduras e assim brilhavam os cabelos desfeitos. Fábricas empoelradas apitavam continuamente, a roda de uma carroça ganhou um nimbo. Nesse ouro pálido à brisa havia uma ascensão de espada desembainhada — assim se erguia a estátua da praça. Passando pelas ruas mais leves os homens na luz pareciam vir do horizonte e não do trabalho". Quando uma jovem senhora escreve coisas assim, como é que eu, o Adonias Filho e o Cláudio de Sousa ainda temos coragem de insinuar que somos escritores? Somos é uns cínicos.

P.S. — Na noite de segunda-feira, 22, na rua Sá Ferrelra, 161, o leiloeiro Euclides vai vender alguns móveis, quadros e objetos de arte da viúva Pedro Ernesto. Na mesma ocasião será vendida uma das melhores e preciosas coleções de livros que um homem de bom gosto já juntou no Brasil: Alvaro Moreyra desfaz-se de sua biblioteca.

12.8.49

RN87-trecho
Frases de Clarice

216